

Trinity - Parte 1

Os rumores diziam que o continente estava em guerra. Os ventos carregavam a notícia de que Kaleg, o líder da rebelião, havia mandado matar o jovem imperador Kiros Liannon em sua cerimônia de coroação. Já não bastasse o alvoroço que o assassinato de Claudius Nehri II causou. Dois imperadores mortos em menos de um mês. Isso era sem dúvida o prenúncio de que algo estava acontecendo lá fora. Sim, *lá fora*, porque Faringan não fazia parte do mundo, do continente. Era um lugar diferente de todos. Independente, alheio ao sistema político, que não se curvava diante do Império, da Ordem Arcana ou de qualquer outra instituição. E ainda assim, não havia exército que ousasse invadi-la ou general que almejasse derrubá-la. A "Cidade sem Lei" era chamada assim no oeste, pelos puritanas e elitistas, mas quem vivia ali sabia que havia uma lei. E uma muito mais eficaz, temida e respeitada do que qualquer papel assinado pelo imperador. E o nome dessa lei era Teldon, o "Rei Intocável". O próprio Teldon odiava ser chamado assim, mas sua fama o precedia onde fosse. Apesar das confusões e marchas de guerra que ocorriam fora daqueles muros, Faringan também vivia seus tempos de crise. Os bêbados das tavernas e fofoqueiras de bordéis sussurravam pelos cantos que um fora-da-lei temido chamado Gahlio estaria entrando em conflito contínuo com Teldon pelo controle da cidade, que seus agentes estariam se enfrentando nas sombras, longe dos olhos curiosos. O aparecimento de corpos pelas manhãs nas vielas e túneis parecia reforçar a teoria conspiracionista. Mas mesmo isso não era capaz de influenciar a vida relativamente pacata, ainda que agitada, de Trinity. Já havia quatorze anos que vivia com Johelmir, sob seu teto e tutela, apesar de que, nos últimos anos os papéis tinham se invertido bastante. O velho continuava bastante lúcido, mas a garota podia notar a fraqueza apoderando-se de seu corpo abatido. Sua suposta aposentadoria, por vezes, era colocada de lado quando ele aceitava encomendas de tráfico, coleta, furtos e espionagens, as quais delegava a Trinity, que recebia sua parte. Ele tinha bastante conceito entre todos na cidade. Um "cidadão" antigo e, segundo alguns, muito temido em sua época de juventude. Isso dava a Trinity um certo... status... entre a população, se é que a aprendiz de um ladrão velho e incapaz poderia ter um. Já fazia quase dois meses desde a última encomenda. O dinheiro estava escasso... bastante escasso... e Johelmir parecia realmente estar pelas tabelas. Tosses constantes, mal estar, falta de apetite. Ele estava perdendo peso e era difícil se levantar da cama que ficava alojada num canto quente da casa simples onde moravam. Uma casa não tão pequena, mas de apenas dois cômodos. Num, estava sala e cozinha, além de servir como dormitório do velho. No outro, um quarto onde Trinity tinha ao menos um pouco de privacidade, afinal, era mulher. Naquela noite em especial, chovia. Uma chuva torrencial que fazia o cheiro de terra molhada entrar pelas frestas da porta e das janelas, que vez ou outra batiam com a força do vento. As velas estavam acesas, iluminando mesmo que parcamente o cômodo.

A garota não temia tanto o que acontecia em Faringan quanto o que acontecia lá fora. Acreditava que qualquer situação de desventura poderia por fim à sua vida de crimes, levar Johelmir para baixo do cascalho ou condená-la a uma vida como prisioneira fora dos muros da cidade "sem lei". Pensava que se Teldon fosse traído por um dos seus próprios homens o tal Gahlio não teria o mesmo poder e força que ele, à princípio por ter usurpado o trono ilegalmente e depois por não acreditar que outra figura de grande domínio fosse sucedê-lo com igual soberania. À princípio seria tempo de alguém achar que para se estabelecer no comando bastava matar o comandante atual e tudo fluiria como uma trova de bardo. Os musicistas cantavam sobre conquistas e feitos impressionáveis, mas havia também a questão daqueles que caíam para não mais se levantar. Um líder fraco em Faringan e era questão de tempo até que o Império voltasse sua atenção para eles, ainda que fosse apenas para provar seu poderio e não para buscar qualquer criminoso ou figura ilustre entre seus iguais. Com a provável desculpa de recuperar um bem qualquer poderiam dizimar uma Faringan dividida e desprotegida e por isso já pensara em pedir ao seu tutor que se preparassem para partir, algo

que ele negaria com veemência e sob muito xingamento. Graças à escassez dos serviços ela se via cada vez mais e mais obrigada a ir para terras inóspitas, longínquas ou onde sua presença era incômoda e facilmente notada, isso para não dizer imensamente incômoda.



O velho tossiu e pediu um pouco de água. A chuva havia tragado a garota para um momento meditativo e com a constância dos acessos de Johelmir achou nem ter ouvido o chamado dele na primeira vez. Deu um salto atlético e ligeiro correndo para servi-lo rapidamente por conta disso. Estava acocorada em frente à cama, as mãos pendendo unidas entre as pernas e a pouca iluminação dentro do imóvel tocava sutilmente seus cachos. Lia a piora dele com tristeza, seus olhos se abertando e a boca contornada por uma barba branca, invejosamente bem cuidada - por ela -, se movendo sinuosamente. As veias saltavam, a pele esticava e as órbitas pareciam se perder dentro da cabeça antes de voltar a ver suas pupilas claras. Por muitas vezes pensava em sair e apenas retornar quando encontrasse alguém que pudesse resolver o problema dele magicamente, disposta a pagar qualquer preço, mas sabia que ele não podia e não queria viver para sempre. Os olhos opacos e seu humor muitas vezes afetado pela condição de sua enfermidade davam a entender que o Alvo Ladrão - seu apelido já um tanto desconhecido - estava finalmente cansado e se entregando. Johelmir se aconchegou na cama para beber. Tomou o copo com as mãos trêmulas e levou-o à boca. Foi quando a porta recebeu três batidas pesadas e inesperadas. Pela expressão, Johelmir não aguardava ninguém.

_ Veja... veja quem é, Trinity... _ ele apontou para uma adaga sobre uma mesa, como se pedisse para que ela estivesse sempre pronta.

_ Sim. Não se levante, não importa quem seja _ ela se levantou e o vestido de algodão escorregou pelas pernas indo alcançar os joelhos. Não era apertado e nem impediria seus movimentos apesar de zelar por alguma seriedade. Pegou a adaga conforme ele havia indicado e se colocou a lateral da porta ainda fechada _ Quem é e o que quer?

Uma voz masculina, grave e aparentemente querendo passar despercebida, soou lá fora.

_ Eu preciso falar com Johelmir. É urgente. _ E não disse nada mais.

_ Imagino que realmente não pensou encontrar Teldon aqui, não é? _ seu comentário foi automático assim que abriu a porta e esperou aquele que batia passar de uma vez por todas. Encarou buscando reconhecer a figura e ao mesmo tempo descobrir o motivo de sua aparente necessidade de discrição. Com a mão esquerda empunhava a adaga e a lâmina recebeu a

pessoa antes dela mesma, tomando cuidado para não baixar demais ou deixar muito solta e esticada sua empunhadura a fim de evitar perdê-la com um só golpe caso ele tentasse.

Um sujeito bem alto, coberto da cabeça aos pés por uma capa encharcada estava estático e assim que viu a porta se abrindo entrou por ela com dois passos largos. Interrompeu a caminhada tão logo viu a arma, mas seus olhos, direcionados aos da menina, não demonstravam medo e sim... outra coisa. Era difícil ver seu rosto porque o capuz fazia uma sombra bastante intensa sobre ele de forma que apenas sua boca e nariz estavam bem revelados pelas velas. O homem aguardou Trinity fechar a porta e fitou o velho sobre a cama.

_ Eu não pensei em encontrar Teldon aqui... e nem poderia... _ ele lançou o capuz às costas com as duas mãos, fazendo um gesto lento para não assustar Trinity. E para a surpresa da garota, era ele... Teldon em pessoa.

_ Digno da nossa realeza... não fazer com que um dos seus incautos súditos não caia feito tábua de corte ao ouvir a pronúncia de seu nome. _ o que mais poderia dizer? Quem em sã consciência estaria esperando Teldon naquele momento? Em sinal de evidente respeito colocou a lâmina a repousar sobre uma velha mesa. Os pés descalços pareceram sentir o chão pegar fogo, havia sido um momento de curta tensão. A aura daquele homem se encarregava de intimidar qualquer um, sua presença apenas não fez Trinity se curvar quase urinando pelo simples fato de estar acostumada com aquela compleição física, atributos ameaçadores e por isso se permitiu acreditar que ele compreenderia sua postura.

Johelmir se contorceu na cama, esforçando-se para se por sentado, mas foi em vão. Seu corpo não suportou e logo caiu numa crise de tosse.

_ Não se esforce demais, velho. Já está fraco o bastante pelo que eu soube _ ele se desfez da capa e a pendurou numa cadeira ao lado, olhando para Trinity como se pedisse licença, e se aproximou do velho devagar.

Ela, por sua vez, quase sucumbiu diante do desejo de se aproximar de Johelmir e ajudá-lo, mas se permitiu aguardar que Teldon fizesse isso. Lhe pareceu um gesto que ele teria prazer em fazer.

Teldon segurou a mão de Johelmir e o ajudou a ficar sentado na beira da cama.

_ Vamos... se você tiver que morrer, que seja pelo menos sentado. Vai ser menos humilhante.

O velho encurvou a boca num sorriso que há muito tempo Trinity não via. Ele fitou Teldon com aqueles olhos claros e úmidos, sempre lacrimejantes, refletindo a luz alaranjada das velas

_ Eu não morreria deitado nem pelo tesouro de um maldito dragão! Haha.. Cof cof... _ ele retomou o fôlego. _ Fico feliz em poder ver você novamente antes de descansar. Eu já estou acabado, meu velho amigo. Já não sou o homem que fui.

-- Você sempre será _ respondeu Teldon. _ O excesso de experiência lhe fez mal, só isso _ ele sorriu de leve e lançou um olhar desconfiado à Trinity por cima dos ombros, voltando fitar Johelmir _ É ela? _ perguntou sussurrando, mas a voz era tão grave que era difícil disfarçá-la num espaço tão pequeno.

Johelmir anuiu com um gesto simples de sua cabeça e fez sinal para que Trinity se aproximasse.

_ Essa... essa é Trinity, a moça que citei em minha mensagem. Tem sido minha aprendiz por quatorze anos e tem dado conta nos negócios com total confiabilidade e, mais importante... discrição.

_ Hm... _ ele a olhou novamente, parecendo analisá-la e logo se levantou. Perto dela, ele parecia um ogro de tão alto. E logo continuou olhando _ Hm... baixa... magra... bonita, sim... _ ele riu pelo nariz _ Um bom exemplar, meu amigo.

Trinity assistiu ao início do diálogo à distância. Era a primeira vez que via Johelmir tão animado em muito tempo, isso milagrosamente criou uma pontada de ciúmes. Não era ela quem fazia todo o trabalho pesado? Dentro e fora daquela casa? Por que ele não se esforçava um pouco para ter aquele bom humor irradiando ao menos uma vez ou outra? Quando percebeu que se dirigiam a ela seus olhos se apertaram mais, a sobrelha arqueou-se sem

disfarçar a tensão. Ouviu o comentário de Teldon mas não teve tempo para se sentir elogiada, o que conversaram anteriormente parecia incluí-la de uma forma que ela não sabia. À princípio, a análise do líder dava a entender que estavam negociando os préstimos de uma meretriz. Se adiantou e ficou diante de Teldon e baixou apenas os olhos como se aguardasse alguma instrução do tipo "vista-se e saia".

_ Ela vai lhe servir bem. Acaso algum dia eu lhe defraudei?

_ Antes ou depois de sumir com aquele meu ruby enorme que roubamos das ruínas de Garad-Dum? _ ele respondeu olhando para Johelmir de forma quase cômica, mas seu rosto por si só deixava difícil transparecer o humor. E então ele voltou a encarar Trinity _ Por que está de cabeça baixa? Meus espiões costumam ser orgulhosos e ariscos, não complacentes.

Ela deu o seu sorriso mais sardônico de anos, algo que Johelmir apenas podia se lembrar bem no começo de sua aliança com a garota. Aparentemente Teldon tinha esse poder sobre as pessoas, resgatar algo com sua presença e palavras. Lentamente ela ergeu o rosto, o queixo se tornou proeminente e o homem pode ver todos os traços dele com precisão, cada marca antiga ou recente totalmente exposta.

_ Eu apenas aguardava a minha dispensa rumo à chuva... e achei prudente não fazer com que preste mais atenção em mim do que realmente é necessário _ o homem era sagaz, a havia mexido em seu ponto fraco: o estado de Johelmir a preocupava e isso estava agora mais do que evidente. Era notável que alguém que não se desculpara logo em seguida pela recepção realmente não estava se preocupando em ser dócil ou servil.

_ Seria estranho não estar atento a você quando você é o motivo da minha vinda _ ele respirou pesadamente e logo saiu da frente de Trinity, seguindo para perto da mesa onde ela repousara a adaga. Ele pegou a arma e pareceu observar os detalhes de seu fio _ Ele disse que você já fez alguns serviços de espionagem, garota. Acha que seria capaz de fazer um de infiltração? _ Teldon deu uma rápida olhada de canto de olho para notar a reação dela diante da pergunta.

_ Só há um meio para saber _ olhou para Johelmir entendendo que deveria ser algo importante a ponto do próprio Teldon estar ali para falar sobre isso. Odiava quando não sabia o mínimo para se sentir confortável e manter seu olhar sabichão _ Quando e onde? _ o porquê não quis saber, estava claro pra ela que o homem desejava mandá-la para junto de seus inimigos.

_ Dentro de quatro dias, em Garnek _ ele respondeu, voltando a deixar a arma sobre a mesa.

Garnek era uma cidade ao norte, ficava a três dias de viagem de Faringan, à cavalo. O homem continuou:

_ Você deve saber sobre os rumores que andam correndo... sobre Gahlío. Eu soube através de homens de confiança que há um agente dele recrutando adeptos para um levante. Aquele desgraçado definitivamente quer assumir o meu lugar _ ele riu rápido _ Se ele soubesse o que o espera pensaria duas vezes _ Teldon olhou para Johelmir _ Quanto tempo? Duas semanas?

O velho assoprou com os lábios estalando em desdém _ Não dura nem dois dias! _ os dois pareciam cheios de piadas internas;

Ele olhou para Trinity e arqueou a sobrancelha rapidamente num gesto de "viu?".

_ Mas independente de não acreditar que ele tenha colhões pra dar conta da coisa, não simpatizo com a ideia de morrer pra que ele tente. Porque fugir ou me render nunca foi uma opção e eu não tenho nada com o que ele possa me chantagear. Não posso enviar um dos meus homens porque todos em quem confio são conhecidos. O resto não é digno do que come. Alguns se vendem por menos do que pensa. E... falando em venda, isso me lembra que eu estaria disposto a retribuir suas informações de forma bastante generosa, se é que isso pode ser dito da boca de um criminoso.

_ Seus negócios ainda são com Johelmir e mesmo tendo sido a última a saber e a primeira a partir é com ele que acerta os valores.

Não se tratava de questão de fidelidade mas ela não era tola o suficiente pra acreditar que Johelmir já não estava aguardando as moedas para passar os próximos dias. Tinham água e nenhum vinho, hidromel ou qualquer outro preparado para beber. Ela continuou:

_ Não importa o tempo que vai levar... não envie outra pessoa exceto se for confirmada minha morte. Tenho certeza que sou aguardada por lá, ainda que não saibam minha identidade... isso é... se forem um pouco mais inteligentes do que uma cabra saberão que enviará homens seus. Aquele a quem eu encontrar com igual intenção levo a cabo na primeira oportunidade por que não aceito concorrência e depois para não correr o risco de ser delatada se um deles ceder aos encantos ... ou torturas ... à mando de Gahlio... _ falava como quem estivesse acostumada a negociar, mas esse papel era na maior parte das vezes exercido pelo seu tutor. Apenas vira acontecer vezes suficientes para imitá-lo.

Teldon fez uma expressão bastante satisfeita ao ouvir a forma prática como ela tratava a coisa toda.

_ Ótimo. Amanhã à meia noite haverá um cavalo selado aguardando por você no estábulo. Não pergunte nada, não fale nada. Pegue-o e siga para Garnek. Vai ter um saco com ouro na sela. Use-a para se hospedar numa taverna. Um dos meus homens vai encontrá-la e dar as instruções sobre como achar o agente de Gahlio. Você terá que se reportar a esse meu infiltrado de tempos em tempos para mostrar que ainda está viva e fornecer as informações que conseguir. Não me importo se você tiver que matar o próximo candidato à imperador se precisar provar que está com eles. Apenas torne tudo natural e descubra o que puder. Ouvi rumores que estão me incomodando bastante. Rumores de que ele estaria se envolvendo com... magia negra. Talvez sejam apenas boatos de camponeses assustados, mas é preciso averiguar.

E dizendo isso, Teldon deu dois passos em direção à cadeira e pegou sua capa, sem muita cerimônia.

_ Ela não vai decepcioná-lo, eu lhe dou a minha palavra... cof cof... _ ele pôs a mão sobre o peito em sinal de dor, mas não parecia nada grave.

Teldon lançou um olhar ao velho, mas logo voltou a fitar os olhos de Trinity.

_ Algum dúvida?

_ O que faço se seu homem não aparecer? _ não era provável, mas uma hipótese. Ainda que Teldon estivesse na surdina combinando essa missão obviamente ele deveria ter designado alguém em Garnek e mesmo esse alguém poderia terminar morto... na melhor das hipóteses. A verdade é que lhe incomodava o fato de não poder ir e voltar sem ter de dar provas de vida e informações, preferia informá-lo diretamente ao voltar ainda que algo fosse tão grave a ponto dela abandonar a infiltração caso julgasse necessário.

_ Você improvisa _ mais uma vez ele olhou para Johelmir e ambos se cumprimentam com um aceno de cabeça. Teldon jogou a capa sobre os ombros, ocultando o rosto sob o capuz _ Nós nunca falamos sobre isso _ e virando o rosto, ele se dirigiu até a porta, saindo sem mais. Deixou a porta aberta com a visão da rua lamacenta repleta de poças freneticamente pontilhadas.

Trinity estava feliz quando fechou a porta. Apesar de ter seus códigos pessoais as correntes foram quebradas e poderia fazer qualquer coisa como não acontecia em muito tempo. Era necessário discernimento já que Teldon poderia descartá-la ou castigá-la caso algo o afetasse mesmo com seu consentimento para tudo. Caminhou rumo ao seu quarto e não conversaria com Johelmir exceto se assim ele quisesse, havia uma noite que seria das mais longas pela frente. O dia a seguir também... precisava se preparar.

O velho limitou-se a acompanhá-la com o olhar até o quarto. Trinity podia jurar que ele estava orgulhoso. Aqueles olhos não sabiam mentir bem. A ladina teve a noite toda para pensar, meditar, se preparar tanto psicologicamente como fisicamente. Aquela missão era definitivamente crítica. Se fosse pêga ou descoberta, as coisas ficariam realmente complicadas.

Na manhã seguinte, quando saiu da toca, Johelmir estava deitado de forma plácida, olhando para o teto. Ao notá-la, virou um pouco a cabeça e a chamou com aquela voz grave, matutina:

_ Trinity...

_ Agora é tarde pra dizer que sou a filha que nunca teve _ ela ironizou continuando seu caminho até a mesa onde pegou um pouco d'água para tomar. Gostaria de ter relaxado e dormido feito uma pedra, mas quase não pregara os olhos, tamanha era sua excitação.

_ Na verdade eu tive uma filha... um dia... apenas não sei onde ela foi parar _ ele respondeu de bom humor _ Mas eu não tenho motivos para dizer isso. Você acharia que eu sou um velho sentimental.

_ Por isso eu disse que nunca teve _ retorquiu rapidamente fitando-o com o copo de barro já nos lábios e sorvendo o líquido com vontade _ E realmente, isso é algo que você nunca foi... e apesar de gostar também um pouco de você, não imagino que venha a ser _ ela parecia sorrir com os olhos.

_ Não queira me bajular agora. Eu sei que está doida para acordar com o meu cadáver na cama, usurpar minha casa e vender a Magnólia _ ele se referia à cabra velha que mantinha amarrada no quintal. Johelmir recuperou o ar e fez uma breve pausa, como se prenunciasse que o assunto seria um pouco mais sério a partir dali _ Eu fiz um acordo com ele. Como você pôde perceber, nós já fizemos algumas coisas juntos antes dele ser quem é hoje. Ha! Ele sempre foi um péssimo arqueiro, mas atirava facas como ninguém! Cof Cof. Eu... eu não sei se estarei aqui quando você voltar, Trinity. Não sei mesmo. Então pedi a ele que lhe ajudasse caso... caso fosse necessário. Ele aceitou. Isso talvez faça com que ele não te mate caso você venha a falhar _ o velho virou o rosto na direção do teto _ Talvez!

_ Mesmo? Estou perplexa, foi tudo tão casual que eu quase não percebi que se conheciam _ atacou dando mostras que desaprovava ter ficado no escuro. _ Ao invés do perdão, prefiro que ele tente logo na primeira vez com o arco. Ainda acha que pode negociar isso? _ ignorava propositalmente o trecho onde ele falava sobre não estar lá quando ela voltasse.

_ Ele provavelmente apelaria para as facas... ou jogaria você aos cães atroztes que ele mantém no calabouço. Você sabe... atirar mal poderia gerar falatórios entre as más línguas e ele seria obrigado a matar mais algumas pessoas por isso _ ele voltou a olhar para o teto. _ A primeira impressão que temos nem sempre é a real. Aja com cautela e seja tardia em julgar as pessoas _ ele deixou a estranha frase no ar. _ Agora me prepare um chá e me traga um pedaço de pão. Eu estou faminto!

_ É realmente reconfortante saber que ele é a melhor opção que tenho _ ouviu com atenção e decorou imediatamente o que ele dissera. Era como se o velho soubesse que ela estava louca para sair e se provar. Sabia que até que se estabelecesse como alguém que trabalhava para Teldon havia uma jornada árdua e perigosa e que mesmo assim talvez nunca tivesse sua confiança. Preferiu não continuar o assunto. _ Farei isso. E aproveite... não sei quando torno a cozinhar pra você.

O velho sorriu e voltou a se recolher, virando-se para a parede enquanto Trinity preparava-lhe o chá.

Continua...